

TRABALHOS DE PESQUISAS

“NÃO SÓ PARA MENINAS”: A EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE COM ADOLESCENTES

Gabriela Andrade de Araújo¹; Alanna Queiróz Julião¹; Indiomar Daiane de Souza Lemos¹; Juliana Richter Paes de Lima¹; Tatiana Quaglio Maia¹; Carla Gabriela Côrrea da Silva¹; Larissa Oliveira Soares¹; Victoria Maria Garcia de Medeiros¹; Patrícia Alexandra dos Santos Schettert do Valle²

“NOT ONLY FOR GIRLS “: THE EXPERIENCE OF AN EDUCATION COURSE FOR SEXUALITY WITH TEENAGERS

Agradecimentos

Agradecemos a todos os adolescentes que se motivaram a participar de nossos projetos, assim como a Escola Municipal Nicarágua e a Clínica da Família Olímpia Esteves pelo apoio e espaço cedido a nós. Expressamos nossos sinceros agradecimentos à Profa. Dra. Patrícia Alexandra Schettert pela orientação e apoio na elaboração deste artigo.

Resumo: Questões como gravidez precoce e transmissão de doenças sexualmente transmissíveis estão entre o conjunto de preocupações mais alarmantes em relação à deficiência de educação para sexualidade voltada aos jovens. A partir da realização de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo realizada na clínica da Família Olímpia Esteves, localizada em Realengo, no Rio de Janeiro, foi possível traçar o perfil das adolescentes usuárias da clínica e residentes no bairro, havendo a percepção da necessidade de criação de um curso de educação para sexualidade. Realizou-se, então, o curso de multiplicadores em educação sexual “Não Só Para Meninas”, implementado na Escola Municipal Nicarágua do bairro de Realengo. Este artigo tem como objetivo traçar o perfil dos adolescentes participantes do curso, que têm média entre 12 a 14 anos, estudantes do oitavo ano, além de analisar as mudanças que a intervenção da educação para sexualidade trazem para a vida de um jovem. Os dados coletados nos questionários evidenciaram que a idade média do início da prática sexual é cada vez mais cedo, aos 12 anos de idade, feita na maior parte dos casos sem a orientação adequada, em que 72% dos adolescentes relataram não conversar sobre suas dúvidas sexuais com ninguém. O desenvolvimento desse curso disponibilizou um espaço para debate e reflexão dos adolescentes, tornando-os potenciais multiplicadores em educação sexual entre os demais. Os adolescentes que participaram da experiência evidenciaram mudanças de comportamento, principalmente mudanças relacionadas à autoimagem e autoestima, incluindo o crescimento de um interesse maior aos estudos.

Palavras-chave: educação sexual; adolescentes; escola

Abstract: Issues such as early pregnancy and sexually transmitted diseases are among the most alarming set of concerns about the sexuality education aimed at young people. From conducting a quantitative and qualitative nature of research conducted in the Family Clinic Olympia Esteves, located in the Realengo neighborhood, in Rio de Janeiro, it was possible to trace the profile of adolescent users of the clinic and residents in the neighborhood, there was a perceived need to create a course of sexuality education, creating Multipliers Course in Sexual Education, “Not Only for Girls”, being implemented in Nicaragua Municipal School, located in Realengo. This article aims to outline the profile of adolescent participants of

¹Bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET): Sexualidade e educação sexual. Estudantes do curso de Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

²Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade Adventista de Enfermagem (1985). Mestre em Sexologia pela Universidade Gama Filho (2002) e Doutora em Saúde Coletiva (2008) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Medicina Social (Uerj/IMS). Tutora do projeto do PET/MEC: Sexualidade e educação sexual. E-mail: pet.sexualidade@ifrj.edu.br

the course, which has an average age between 12 to 14 years, students from eighth grade, and analyze the changes that the intervention of sexuality influences the life of youth. Based on data collected from questionnaires applied to these teenagers, the average age of onset of sexual activity is increasingly early, with an average age of 12 years old, made in most cases without proper guidance, in which 72% of adolescents do not talk about their sexual concerns with anyone. The development of this course has provided a space for debate and reflection of adolescents, making them potential multipliers in sexuality education among others. Upon completion of the course, it was reported behavioral changes of the same, especially changes related to self-image and self-esteem, including the growth of interest to studies.

Keywords: sexuality education; teenagers; school

Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, 42% da população total do país eram crianças, adolescentes e jovens, quantificando cerca de 80 milhões de pessoas. Ainda segundo o IBGE (2013) nos jovens de 13 a 19 anos o número de casos de AIDS é maior entre as mulheres. Outro fator alarmante é o número de gravidezes na adolescência: 2,8% das meninas entre 12 e 17 anos já tiveram filhos, segundo o Ministério da Saúde (2008), ou seja, cerca de 290 mil adolescentes são mães.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011) a gravidez na adolescência impacta na vida do adolescente desde sua saúde, desempenho escolar, oportunidades de formação para o trabalho e contribui também na perpetuação da pobreza e exclusão.

Questões como IST/HIV e gravidez na adolescência colocaram a sexualidade no conjunto de preocupações mais amplas como o direito à informação, à autodeterminação pessoal, à consideração para com o outro e ao respeito às diferenças (SIMÕES, 2007).

Para minimizar esse quadro o papel dos pais é fundamental, já que os pais devem ser os principais responsáveis pela educação sexual de seus filhos. Entretanto, para lidar com a sexualidade dos filhos, os pais precisam enfrentar sua própria sexualidade e essa situação pode gerar, muitas das vezes, angústia, por trazer à tona muitos aspectos reprimidos da própria sexualidade desses pais (SUPLICY, 1991).

Sentindo-se despreparados para tal função, os pais transferem essa responsabilidade para as

escolas, que, na maior parte dos casos, não vem realizando de forma satisfatória a tarefa.

Sabe-se que dentro da escola e de unidades de saúde que trabalham com adolescentes, a educação sexual ainda é um elemento estranho, principalmente porque mexe com a cabeça e o corpo de todos (SCHETTERT, 2002).

Dessa forma, recai sobre os serviços de saúde a necessidade de educar sexualmente os jovens em ações multidisciplinares como as do Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), Política de Atenção Integral a Saúde da Mulher/Planejamento Familiar, afinal a educação dos jovens é responsabilidade de todas as instituições sociais inseridas no processo saúde/educação.

Especificamente no que se refere às atividades voltadas para a atuação na sexualidade e para a saúde reprodutiva, caracterizam-se: ações informativas para promoção da consciência do corpo relacionada à vida pessoal e sexual; prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; AIDS; gravidez não planejada, traumas psicossociais; e assistência pré-natal em nível ambulatorial. A abordagem da sexualidade encontra-se identificada como tarefa importante e necessária, exigindo do profissional sobriedade, conhecimentos sólidos e elaboração de seus conflitos para uma melhor estabilidade emocional e existencial.

Neste cenário de grandes necessidades, tanto para a escola/unidades de saúde como para a família, acreditamos que o profissional pode contribuir pela educação, intervindo não somente com a informação, mas principalmente com uma atitude positiva frente à sexualidade

(SCHETTERT, 2002).

Isso se torna possível pela sexualidade envolver um processo contínuo de construção de conhecimento, o que nos permite elaborar a percepção de quem somos e do que somos, sendo esse processo de aprendizado desdobrado em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas (CONCHÃO, 2008).

Com base no que foi apresentado, este projeto teve como foco principal trabalhar a sexualidade de adolescentes no âmbito dos serviços de saúde, familiar e escolar, além de estudar a sexualidade humana em seus aspectos biopsicossociais e suas manifestações em diferentes fases da vida, levando informação, orientação e educação em sexualidade para adolescentes, tornando-os assim multiplicadores em educação sexual na sua unidade escolar.

Método

O Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação (PET-MEC) é composto por grupos tutoriais de aprendizagem, que buscam propiciar aos alunos bolsistas, graduandos de terapia ocupacional, fisioterapia e farmácia sob a orientação de um(a) tutor(a), condições para realizações de atividades extracurriculares, que contemplem a formação acadêmica deles, aprofundando-os nos objetivos e nos conteúdos programáticos que integram a grade curricular.

A fim de que os alunos bolsistas estejam preparados para ministrar as aulas com os temas relacionados à sexualidade humana, o grupo PET recebe formação em sexologia, que consiste em quatro módulos, sendo eles: Educação Sexual (I), Sexualidade Feminina (II), Sexualidade e Deficiência (III), e a construção de um artigo individual (IV).

Com a realização dessa atividade de extensão, esperava-se estimular os alunos bolsistas do PET Sexualidade; Educação sexual, que são alunos da área de saúde, a desenvolver ações de educação e saúde, como meio de contribuir para a formação acadêmica dos estudantes.

No ano de 2014, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo com uma amostra de 359 mulheres em diferentes fases, da adolescência até a menopausa, usuárias da Clínica de Saúde da Família Olímpia Esteves, localizada em Realengo, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Estima-se que 34.186 pessoas sejam cadastradas na Clínica de Saúde da Família Olímpia Esteves, sendo dessas 18.921 mulheres.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário semiestruturado, contendo 33 perguntas abertas e fechadas, direcionadas a temas biopsicossociais relacionadas à sexualidade, entre eles: saúde sexual, hábitos de vida diária, autoestima, autoimagem, práticas sexuais e prazer. Uma vez que a amostra foi formada por mulheres em diferentes fases, além do questionário geral, contendo perguntas em comum para todas, foi aplicado um questionário específico, com perguntas direcionadas às fases do climatério, gestacional e/ou da adolescência, caso a mulher pertencesse a algum desses grupos.

Com base na análise dos dados, foi possível traçar o perfil das adolescentes da comunidade de Realengo. Com esses resultados, percebeu-se a necessidade da criação de um curso de educação para a sexualidade voltado para os adolescentes dessa região.

Por essa razão, criou-se o curso de multiplicadores em educação sexual "Não Só Para Meninas", como projeto de extensão, sendo implementado na Escola Municipal Nicarágua, também localizada em Realengo.

Anteriormente foi realizado pelo PET Sexualidade o projeto "Só Para Meninas" no Colégio Pedro II (Unidade Realengo II), cuja proposta foi realizar oficinas em sexualidade voltadas somente para meninas. Essa ação possibilitou identificar a vital importância não apenas de se estabelecer uma abordagem que também incorporasse o público masculino, como também de se fazer uma mudança na estrutura do projeto, de oficinas para um curso, visando assim ao aprofundamento dos temas. Com base nesses fatos, houve a decisão de se criar o curso de multiplicadores em educação sexual "Não Só Para Meninas", sendo aprovado, em 2015, pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ).

Para a implementação desse projeto ocorreu uma reunião com a direção da Escola Municipal Nicarágua para a apresentação da proposta do curso. Em seguida as petianas* realizaram uma entrevista com os adolescentes, a fim de levantar informações como disponibilidade, interesse, perfil e liderança para eles se tornarem multiplicadores, fazendo-se assim uma seleção de participantes para o curso. Após a seleção, uma reunião com os respectivos responsáveis possibilitou discutir o programa do curso de educação para sexualidade, esclarecendo-se as dúvidas e obtendo-se as autorizações sobre a participação e ida ao *campus* de Realengo do IFRJ,

onde foi oferecido o curso.

O “Não Só Para Meninas” é um curso incorporado ao oitavo ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Nicarágua, com aulas semanais no período vespertino, sendo dividido em nove encontros com duração de 2 horas, sendo cada aula ministrada por duas monitoras do grupo PET. Os conteúdos selecionados foram propostos de forma problematizadora, a fim de se criar um espaço de reflexão e discussão para temas voltados à sexualidade.

Cada encontro se dividiu em dois momentos: o primeiro, voltado à aplicação de uma dinâmica relacionada com o tema de cada aula; o segundo, voltado à abordagem de cada tema, sempre por meio do diálogo. Para isso, foram utilizados vídeos, apresentações expositivas, quadros, peças anatômicas, cartazes para que os encontros fossem realizados de maneira lúdica e com a participação dos adolescentes.

No primeiro encontro, discutiu-se a conceitualização do termo sexualidade para os adolescentes. No segundo, foram abordados temas como identidade sexual, orientação sexual e papéis sexuais. Relação de gênero e violência sexual foram discutidos no terceiro dia.

No quarto encontro, o tema foi o desenvolvimento humano em todas as suas fases, tanto física quanto fisiologicamente. No quinto, temas como o ciclo da resposta sexual, masturbação, prazer sexual e disfunções sexuais foram o foco. A primeira menstruação, o ciclo menstrual, a primeira ejaculação, poluição noturna, gravidez precoce, climatério e menopausa foram os eixos do sexto encontro. No sétimo, discutiram-se os métodos contraceptivos, aborto e IST/AIDS como forma de intervenção no comportamento sexual de risco dos adolescentes.

O oitavo encontro tratou de questões sobre corpo e autoestima. Na última aula, foram discutidas questões como relacionamentos familiares, amizade, amor, namoro, relacionamentos eventuais, casamento e união estável, como forma de contribuir na relação de pais e filhos quanto à compreensão das transformações sexuais dos adolescentes.

Como método de avaliação do curso, foi aplicado um questionário no primeiro dia de aula antes de qualquer conteúdo, sendo reaplicado no último dia de aula, com perguntas de caráter quantitativo e qualitativo, a fim de se entenderem o conhecimento e a percepção dos adolescentes sobre educação sexual, papel e identidade sexual, conhecimento da anatomia feminina,

masculina e outros temas abordados nas aulas. Para avaliação dos conhecimentos adquiridos, andamentos, avanços e dificuldades de cada encontro, foram preenchidos diários de campo em todas as aulas.

Realizou-se, ainda, a análise de todos esses materiais, manualmente e por meio dos programas QualiQuantSoft versão 1.3c Build e Excel.

O PET Sexualidade disponibilizou o Serviço de Aconselhamento Sexual (SAS) para os adolescentes do curso, bem como para quaisquer pessoas das redondezas que desejassem tal serviço, criando-se, assim, referência e contra referência entre a Clínica de Saúde do IFRJ – *campus* Rea-lengo – e a Escola Municipal Nicarágua.

Resultados e Discussão

O questionário pré-curso foi preenchido por 18 adolescentes com média de idade entre 12 e 14 anos, sendo 17 meninas e 1 menino, todos do oitavo ano da Escola Municipal Nicarágua – isso demonstra que, apesar de o curso ser voltado para ambos os sexos, o público masculino ainda não apresenta uma boa adesão a ele. Já o questionário pós-curso foi preenchido por 15 alunas – nenhum menino permaneceu no curso.

A maior parte dos adolescentes (77%) informou não estar namorando, sendo comum a prática de “ficar”, com a idade média de início aos 10 anos de idade, sendo realizada cedo e nem sempre com um parceiro fixo.

Quando questionados se já realizaram alguma prática sexual, 33% afirmaram que sim. Desses, 60% afirmaram ter realizado jogos sexuais em grupo, e 40% já fizeram sexo oral e masturbação. Em seguida foi questionado com quem e apenas uma pessoa respondeu, relatando que foi com o primo.

A idade de início entre os que já tiveram a primeira prática sexual é de 12 anos de idade, e a do parceiro com quem tiveram a primeira relação varia dos 15 aos 18 anos.

Dos adolescentes presentes no curso, 72,2% afirmaram que não conversam com outra pessoa sobre as suas dúvidas sexuais. Apenas 22,2% informaram conversar com alguém; sendo citados a irmã, a mãe e integrantes do PET Sexualidade. Apenas 27,8% desse grupo respondeu que a pessoa consultada esclareceu todas as suas dúvidas em relação ao assunto.

Com relação a possuírem ou não alguma dúvida em relação à sexualidade no questionário previamente feito, 33% dos adolescentes afirma-

ram ter dúvidas, sendo as mais comuns relacionadas ao o que é ter orgasmo e o que é sentir tesão, se ato sexual causa muito sangramento na primeira vez e o porquê disso, bem como dúvidas relacionadas à prevenção e gênero. Já no questionário realizado posteriormente, nenhum dos adolescentes afirmou ainda ter dúvidas.

As consequências do pouco contato desses adolescentes com a educação para a sexualidade vão além do fato de não conseguirem tirar suas dúvidas – são restrições que vão desde o desconhecimento do próprio corpo e da própria sexualidade à falta de acesso a uma saúde sexual adequada. As dúvidas mais comuns sobre sexualidade estão relacionadas à prática de relação sexual, principalmente no que diz respeito à primeira vez. Tal fato pode estar relacionado com os mitos e tabus referentes à iniciação sexual que afetam diretamente as escolhas dos jovens e o exercício de sua sexualidade.

Apesar de 78% das adolescentes já terem menstruado pela primeira vez, com média aos 12 anos de idade, apenas 18% já foram alguma vez ao ginecologista. As meninas afirmaram que os motivos das consultas foram: por sentirem muita cólica; por terem dúvidas sobre menstruação; pelo fato de a mãe pensar que a filha não era mais virgem; em caso de estupro; por terem ovário policístico; e porque caiu com a “pepeca” na cadeira.

Assim como os dados coletados nos questionários da Clínica da Família Olímpia Esteves, é significativa a porcentagem das adolescentes dessa região que não frequentam regularmente um ginecologista nem fazem preventivo. Nenhuma das adolescentes citadas relatou já ter feito esse exame.

Das meninas que afirmaram já ter realizado alguma prática sexual, nenhuma relatou utilizar algum método contraceptivo atualmente. Essa informação demonstra que as adolescentes possuem comportamento de risco em relação à sua saúde sexual, estando vulneráveis a terem uma gravidez indesejada e adquirirem alguma infecção sexualmente transmissível (IST). Essas circunstâncias podem ser consideradas consequências de um déficit na educação para sexualidade que esses adolescentes vivenciam, em que muitas vezes as informações são propagadas de maneira inadequada ou não há uma abordagem sobre o assunto.

A falta de utilização dos métodos pode

estar relacionada à ideia de que apenas o intercursos sexual oferece riscos, tanto de uma gravidez como de uma IST. Entretanto, mesmo que as adolescentes ainda não tenham realizado o intercursos, as outras práticas sexuais – como o sexo oral, por exemplo – necessitam do uso de métodos contraceptivos.

As adolescentes foram questionadas sobre os principais sinais de uma disfunção sexual, e 5,6% citou como exemplo o HIV, dizendo que abaixa a imunidade; 83,3% não souberam responder, e 11,11% relataram ter esquecido o assunto.

Entre os adolescentes, somente 16% informaram já ter participado de algum curso de educação sexual. Sabe-se que a educação sexual está presente na grade curricular das escolas; no entanto, esse dado demonstra que a maneira como esse conteúdo é aplicado nas escolas não é aprofundada. Isso faz com que os alunos não considerem como relevante o tema Educação Sexual tratado nas escolas, por não ser considerado um foco dentro delas, além de comprovar que não existem projetos escolares sobre o tema; caso contrário, a maior parte dos adolescentes teriam respondido que “sim”.

Analisando-se o questionário pós-curso, observaram-se mudanças na concepção do que é a sexualidade para esses adolescentes.

Enquanto 11% declararam no pré-curso que o adolescente não deveria utilizar métodos contraceptivos, no pós-curso esse percentual diminuiu, passando para 6%. Além disso, no pré-curso, 39% informaram que o uso do método contraceptivo deveria ocorrer após a primeira relação; no pós-curso, o percentual de 40% considera que o início do uso de métodos contraceptivos deve ocorrer desde a primeira relação sexual. O resultado da pergunta no pré-curso afirma a associação de métodos contraceptivos como métodos de emergência, havendo como consequência a utilização frequente da pílula do dia seguinte pelos jovens.

Ao serem indagados sobre quais mudanças podem ser observadas no corpo feminino e no masculino durante a puberdade, percebe-se uma diferença nas respostas entre o pré-questionário e o pós-questionário. No primeiro, informaram ser o crescimento dos órgãos sexuais/pelos, a menstruação e o aparecimento de espinhas; no segundo, os adolescentes deram uma maior quantidade de exemplo de mudanças: pelos pubianos, aumento da mama, alteração na voz, menarca, aumento do pênis,

crescimento do corpo, mente mais aberta e ejaculação.

Na questão sobre anatomia das genitálias feminina e masculina – levando-se em consideração não só a localização da estrutura, como também seu nome científico –, o maior percentual de acertos foi referente à genitália feminina, com 50%; já em relação à masculina, foram obtidos 30% de acertos. Contudo, a maior parte das respostas, mesmo com termo coloquial, foi da genitália masculina (por exemplo: o uso do termo “cabeça” para se referir à glândula ou “ovo” para descrever os testículos, sendo então dada como errada a questão).

Notou-se uma dificuldade maior em abordar o feminino do que o masculino, ainda que o grupo seja formado majoritariamente por adolescentes do gênero feminino, ressaltando as diferenças na relação de gênero desde a adolescência. Segundo Conchão (2008), a identidade masculina tem como fundamento de sua elaboração uma dimensão mais social (moral, prestígio e poder) e menos biológica. A genitália masculina desde a infância é mais abordada e muitas vezes usada para justificar a diferença entre os gêneros. As meninas são ensinadas a serem mais comportadas – para elas, tocar o próprio corpo é visto como um tabu, algo feio, diferente do que ocorre com os meninos. Tal fato se confirma quando as adolescentes, durante as aulas dadas no curso, abordam muito mais o masculino do que o feminino, demonstrando mais facilidade e curiosidade.

De acordo com Conti et al. (2010), a mídia tem papel importante nessa questão, exercendo de maneira eficaz as manobras de manipulação do comportamento da adolescente, aproveitando-se do seu desejo de se expressar na medida em que se identifica com o desejo do “outro”. A partir dessa interferência da mídia, afirma-se uma diferença entre os papéis sexuais, já que o corpo da mulher é abordado de maneira diferente do homem.

No pós-teste, em relação ao modo como acham que a mídia influencia na sexualidade dos adolescentes, 20% respondeu que a mídia influencia por meio das novelas; 13% informou que a mídia diz o que devemos ser ou não; 6,6%, que ela não fala sobre os riscos sexuais na adolescência; 6,6%, que trata a sexualidade como tabu; 6,6%, que influencia o adolescente a engravidar cedo demais; e 40% não respondeu à questão.

Alguns relatos dos adolescentes obtidos

ao final do curso de multiplicadores são descritos a seguir:

“Eu aprendi a olhar além do que podemos ver, sentir o que ocorre ao redor, sem precisar usar a visão. ”

“Explorar os sentidos no nosso dia a dia pode nos fazer perceber e despertar sensações ocultas devido ao cotidiano. ”

“Eu aprendi que, para ocorrer cada fase, é preciso ter prazer. E que existem muitas doenças em relação à sexualidade. ”

“Experiência muito válida; foi de grande acréscimo o conhecimento. ”

Foi possível apreender a satisfação e mudança dos adolescentes participantes da experiência pelo que foi observado em cada encontro e por esses relatos, obtidos durante as aulas.

Conclusão

O projeto o PET Sexualidade, Educação Sexual observa que é de suma importância a discussão da sexualidade em sua totalidade. A sexualidade refere-se ao indivíduo como um todo, referindo-se ao seu modo de agir, de pensar, de se comportar diante do mundo e a interagir com o mesmo, além de sua auto-percepção e autoimagem diante da sociedade. Esta engloba e influencia, sendo também influenciada, pelas esferas sociais, culturais, psicológicas e biológicas de um indivíduo.

Entretanto, é visto que na prática, as escolas abordam apenas a visão biologicista da sexualidade, limitando-se assim a educação sexual abordada nas escolas, não preparando os adolescentes para um desenvolvimento de uma sexualidade saudável.

Decorrente destes fatos, o PET implantou um espaço para debater, tirar dúvidas e causar a reflexão dos adolescentes para que posteriormente sejam potenciais multiplicadores em educação sexual entre outros demais adolescentes.

Com a finalização do projeto, a Coordenação e Direção da Escola Municipal Nicarágua relatou a mudança de comportamento dos adolescentes presentes no curso. Observaram-se mudanças claras no interesse dos mesmos em relação aos estudos, atreladas a mudanças

na autoimagem e na autoestima, confirmando que a sexualidade não pode ser isolada e nem distinguida de outros aspectos da vida de um indivíduo.

Referências

- ABDUCH, C. Grupos operativos com adolescentes. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de política de saúde. *Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento*, Brasília, vol. I, p. 289-300, 1999.
- ANDRADE DE SILVA, M. C. *Formação e desenvolvimento da identidade sexual ou identidade de gênero: o prazer e o pensar*.v. 1 São Paulo: Gente, 1999. p. 39-53.
- ARIES, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARROSO, C. *Educação sexual, debate aberto*. Petrópolis: Vozes. 1982.
- BELTRAN, J. L. *Em busca dos valores da criança*. São Paulo: CPB, S/d.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRASIL, Ministério da Saúde. *Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira*. Brasília. 1999.
- CASASANTA, L. *A educação afetivo-sexual na escola: afetividade e sexualidade na adolescência, um novo olhar*. Sec. de Est. da Educação de Minas Gerais, 1998.
- CAVALCANTI, R. C. *Saúde sexual & reprodutiva: ensinando a ensinar*. São Paulo: Artgraf, S/d.
- CONCHÃO, S. A. *Masculino e feminino: a primeira vez*. São Paulo: 2008.
- CONSENTINO, E. N. V. *Para educar é preciso pensar: reflexões dirigidas a pais e educadores de adolescentes*. São Paulo: Organon. 2000.
- DÉBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- ESTRADA, A. *Sexualidade. Perguntas & Respostas*. São Paulo: IUE, 2001.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Implantação da disciplina sexualidade e educação na Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 7, n.2, p. 131 - 134, 1996.
- GONÇALVES, E. *Preconceitos, fobias e outras sombras que pairam sobre a educação sexual. O prazer e o pensar*. v. I. São Paulo: Gente, 1999. p.197.
- GROSSMAN, E. *O médico de adolescentes e seu ofício: reflexão sobre as normas e a prática*. . Dissertação (Mestrado). Inst. Fernandes Figueira. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 1995.
- GTPOS, ABIA, ECOS. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau*. Traduzido e adap. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1994.
- JESUS, M. C. P. *Educação sexual: o cotidiano de pais e adolescentes*. Juiz de Fora: FEME, 1999.
- JESUS, M. C. P. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da enfermagem. In: RAMOS, F. R. S.; MONTICELLI, M. NITSCHKE, R. G. (org.) *Um encontro de enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: 2000.
- LUCKESI, C. C. *Filosofia da educação*. São Paulo: Cortez. 1994.
- MASTER, W.; JOHNSON, V. *O relacionamento amoroso: segredos do amor e da intimidade sexual*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- McDOWELL, J. *Os mitos da educação sexual*. São Paulo: Candeias. 1995.
- DE MELLO, R. C. *Manual de Educação sexual: a percepção dos adolescentes de algumas escolas do Município do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) -Sexologia. UGF, Rio de Janeiro. 1999.130 p.
- OPAS. *Avaliação sobre oportunidades perdidas de atenção integral do adolescente*. Washington D. C.: OPAS. 1995
- OPAS/OMS, 1990. O marco conceptual da saúde integral do adolescente e de seu cuidado. Washington D. C. RAMOS, F. R. S.; MONTICELLI, M.; REITSCHKES, R. G.(org.). *Um encontro da Enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: 2000.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. *Psicologia social*. 19. ed. *Petrópolis: Vozes*, 1999.

RUZANY, H. M.; SZWASCWALD, C. L. *Oportunidades perdidas de atenção integral ao adolescente: resultados do estudo-piloto*. Rio de Janeiro: NESA, 2000.

SAVATER, F. *O valor de educar*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, C. V.; ZEITONE, R. C. *A prática de cuidar / cuidado com a saúde dos adolescentes em Unidade Básica de Saúde*. Projeto Acolher: Um encontro de enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn, 2000.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. 17. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1991.

TIBA, I. *Adolescência o despertar do sexo*. São Paulo: Gente, 1994.

WEREBE, M. J. G. *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Associados, 1998.

ZILBERGELD, B. *Male sexuality*. Nova York: Bantem Books, 1978.